

Revista 4  
28/07/92

# NOSSO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

42

## A CASA DE PEDRA DO RIO PIRANGI

A Casa de Pedra do rio Pirangi está localizada no município de Nísia Floresta, à margem direita daquele rio, próximo à sua barra. Encontra-se implantada no sítio Coqueiros, de propriedade do dr. Silvino Lamartine de Faria, a cerca de um quilômetro da rodovia de acesso à praia de Pirangi do Norte.

Segundo o historiador Hélio Galvão, trata-se de uma casa edificada para residência de João Lostau Navarro, natural do Reino de Navarra, que ali morou no período de 1603 a 1645, explorando a pesca na região hoje correspondente ao litoral dos municípios de Nísia Floresta e Senador Georgino Avelino. Lostau foi barbaramente trucidado pelos indígenas chefiados por Jacob Rabbi, no chamado massacre de Uruçu, em 3 de outubro de 1645.

De acordo com as conclusões de Olavo de Medeiros Filho, a construção daquela casa-forte teria ocorrido por volta do ano de 1570, por iniciativa dos franceses, em pleno ciclo econômico do pau-brasil. A casa-forte teria sido edificada, para servir de quartelamento, e armazenamento de mercadorias (penas de avestruz, âmbar, algodão, peles, pimenta, aves,

essências, pedras preciosas, etc.). O pau-brasil ficaria armazenado em galpões, no pátio externo daquela casa de pedra.

Olavo de Medeiros Filho baseia a sua hipótese em uma correspondência dirigida pelos filhos do donatário João de Barros, ao rei de Portugal, reclamando providências contra a presença francesa na capitania que lhes coubera por herança paterna. Informavam os filhos de João de Barros que os franceses "todos os anos vão a ela a carregar brasil por ser o melhor de toda a costa. E fazem já casas de pedra em que entram em terra fazendo comércio com o gentio". Tal requerimento era datado de 1570.

Como não existe uma documentação que trate especificamente da questão, a verdadeira origem daquela relíquia arquitetônica somente poderá ser elucidada através de um exaustivo levantamento arqueológico.

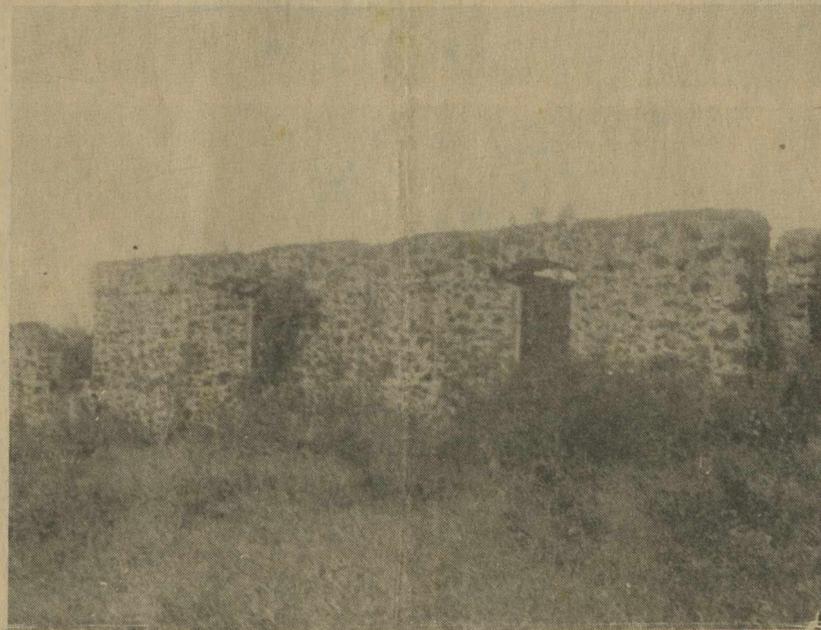
Levando-se em conta os fatores econômicos que determinariam a construção daquela casa-forte, é provável que se trate mesmo do único vestígio concreto da presença de traficantes franceses no litoral poti-

guar. No século XVI era intensa a atividade comercial desenvolvida pelos franceses, na barra do rio Pirangi, que à época era conhecida como o Porto dos Búzios. É natural que aquele intenso movimento de escambo exigisse a construção do armazém, com a finalidade de ali serem guardadas as mercadorias.

Em 1587, o Porto de Búzios era o mais importante entreposto comercial da Capitania

do Rio Grande.

A casa de pedra do rio Pirangi é um construção de alvenaria de pedra e cal (obtido da queima de ostras). Apresenta ela um partido de planta retangular, com 23 m de comprimento e 14,69 de largura. Apesar de encontrar-se em estado de ruínas, ainda apresenta trechos de paredes, que mantêm uma altura constante com um pé-direito de 3,00 metros. É provável que a sua cobertura tenha sido de quatro águas.



A distribuição interna da casa é constituída de três amplos cômodos: um salão dianteiro com 13,37 m de frente por 5,13 de fundos; um salão intermediário com a mesma largura do primeiro por 10,15 m de fundos; e um salão posterior com a mesma medida de frente por 5,10 de fundos. No salão intermediário há vestígios de alicerces de outras paredes que dividiam o cômodo ao meio, por uma circulação central.

Aquela misteriosa edificação, que não possui mais esquadrias nem cobertura, e nunca foi revestida de reboco, apresenta peculiaridades que merecem estudos mais profundos. É o caso de seteiras que se afunilam da face externa das paredes até o interior, recurso bastante utilizado nas edificações antigas, principalmente na arquitetura militar, cujo objetivo era a defesa do prédio.

A distribuição daquelas seteiras não segue nenhuma relação de ordem. As portas também apresentam largura variadas (entre 1,00 e 1,10 m). A casa é vazada por várias janelas, além de possuir um nicho, na parede dos fundos.

Verifica-se, curiosamente,

naquela edificação a presença de arcos abatidos em todas as envazaduras, cujo emprego no Brasil somente verifica-se a partir do século XVIII. Todavia, tem-se conhecimento da utilização desse tipo de arco em construção do século XIV, como é o caso da torre medieval de Alcofra, na Beira Alta, em Portugal.

Em meados do século atual, grande parte das pedras que formavam as paredes do prédio foi retirada para as obras de construção de uma capela, na localidade de Alcaçuz. O proprietário do sítio, dr. Silvino Lamartine de Faria, proibiu tal prática, evitando assim a total destruição da vetusta edificação.

Apesar de abandonada e semi-destruída, aquela casa forte continua resistindo à ação do tempo, podendo significar o registro da primeira obra arquitetônica do Rio Grande do Norte.

A casa encontra-se tombada a nível estadual, desde 17 de fevereiro de 1990.

FONTES: "Uma possível relíquia arquitetônica francesa no litoral potiguar", de Olavo de Medeiros Filho, em O POTI de 12.10.86; informações prestadas à Autora, pelo mesmo pesquisador; "História da Fortaleza da Barra do Rio Grande", de Hélio Galvão; "A Descoberta de Portugal", editado por Seleções de Reader's Digest, Porto-Portugal, 1984 (p. 158);